

Distância(s)

Há cerca de 25 anos li um ensaio no *Le Monde diplomatique* escrito por um arquitecto Americano cujo nome agora esqueci. Lembrado livremente, o ensaio focava sobre como as pessoas experienciam o espaço – aquele espaço particularmente culto: a cidade. Argumentava que Europeus e Americanos têm entendimentos distintos sobre o espaço urbano. Enquanto os Europeus, historicamente e culturalmente, vêm as cidades como provedoras de protecção dos perigos da selva fora dos muros das cidades, os Americanos têm uma visão oposta sobre as cidades: a cidade construída pelo homem é infestada com perigo e crime, enquanto a natureza primitiva representa ordem; a criação divina. Isto é obviamente uma simplificação grosseira, mas ilumina um dilema que todos os arquitectos e muitos artistas tiveram que lidar. Não há definição universal de como os humanos experienciam espaço e tempo. “Evidentemente”, você dirá. No entanto, nós actuamos muitas vezes como se apenas houvesse uma aproximação planificada, um único entendimento que é universalmente válido.

Desde a leitura do supracitado artigo que as questões que influenciam a percepção das pessoas sobre o espaço e tempo têm sido o meu maior interesse.

A primeira exposição que eu vi do trabalho do Pedro foi “Quadrados Espaciais” em Janeiro de 2014, onde mostrou peças de um projecto de investigação sobre espaço, luz e tempo. Fui imediatamente tocado pelas suas variações sobre uma forma simples. Há uma musicalidade nos trabalhos do Pedro que tornam mais compreensíveis as peças; uma questão académica apresentada esteticamente agradável é, em consequência, mais acessível a todos. É fascinante ver como Pedro sacode, torce e reviravolta sobre uma base temática. Pedro cria estruturas espaciais sobre as quais imediatamente comenta, mais uma vez e, mais uma vez, com subtis variações. Vendo trabalhos do Pedro lembramos artistas como Bernar Vernet com a sua perspectiva musical/matemática, - ou ainda mais aproximado, James Turrell com o seu projecto de uma vida sobre luz e espaço. Somos nós, os observadores, da nossa posição no espaço, que finalmente impregnamos significado nos trabalhos do Pedro. Vejo uma obra artística onde profundos e duradouros ensaios resultaram em claridade visual.

Pedro continua a sua investigação “Quadrados Espaciais” neste último projecto: “Distância”. Vemos variações sintonizadas, tematicamente alinhadas e apresentando uma lógica mútua; o produto de investigação meticulosa em distância, espaço e tempo. Pedro refere-se, por exemplo, à quarta dimensão, um termo que Einstein aplicou ao conceito de tempo. Vejo como a formação como escultor o influencia e enriquece como arquitecto - e vice-versa.

A importância e relevância da obra de Pedro pode ser melhor ilustrada se considerarmos o mundo onde vivemos hoje. Com as ondas de migrações que ocorrem é crucial para nós o entendimento dos espaços por onde estamos a entrar, e particularmente os novos lugares com códigos sociais que não nos são familiares. Artistas e arquitectos providenciam-nos com as chaves que permitem quebrar esses códigos.

Sou um espectador privilegiado. Obrigado meu amigo!

Bergen, 19 de Novembro de 2015

Jørgen Blitzner

Curador e Artista

Distance(s)

Around 25 years ago I read an essay in *Le Monde diplomatique* written by an American architect whose name I have now forgotten. Freely recalled, the essay focused on how people experience space - particularly cultivated space: the city. He argued that Europeans and Americans have very different understandings of urban space. While Europeans, historically and culturally, see cities as providing protection from the dangerous wilderness outside the city walls, Americans possess the opposite view of cities: the manmade city is plagued with danger and crime, while pristine nature represents order; God's creation. This is obviously a gross simplification, but it highlights a dilemma that all architects and many artists have contended with. There is no universal definition of how we humans experience space and time. "But, of course" you might say. Nevertheless, we often act as though there is only one blueprint approach; one sole understanding that is universally valid.

Since reading the aforementioned article, the issues that influence people's perception of space and time have been my main interest.

The first exhibition I saw of Pedro's work was "Spatial Squares" in January 2014, where he showed works from a research project on space, light and time. I was immediately drawn to his variations on a simple form. There is a musicality in Pedro's works which makes the works more comprehensible; an academic issue is rendered aesthetically pleasing and thereby more accessible for everyone. It is fascinating to see how Pedro flips, twists and somersaults on a thematic base. Pedro creates spatial structures upon which he immediately comments, again and again, with subtle variations. Upon viewing Pedro's works one is reminded of artists like Bernar Venet with his musical / mathematical approach - or perhaps closer is James Turrell with his lifelong project on space and light. It is we, the viewers, from our position in space, who ultimately imbue Pedro's works with meaning. I see an artistic oeuvre where thorough and lasting trials have resulted in visual clarity.

Pedro follows up his research from "Spatial Squares" in this latest project: "Distance (s)". We see finely tuned variations, thematically aligned and displaying a mutual logic; the product of meticulous research on distance, space and time. Pedro refers, for example, to the 4th dimension, a term Einstein applied to the concept of time. I can see how Pedro's background as a sculptor influences and enriches him as an architect - and vice versa.

The importance and relevance of Pedro's work can best be illustrated by considering the world we live in today. With the current migration waves it is crucial for us to understand the spaces into which we are entering, in particular new places with unfamiliar social codes. Artists and architects provide us with the keys to crack these codes.

I am a privileged spectator. Thank you my friend!

Bergen, 19th of November 2015

Jørgen Blitzner

Curator and artist